

O projeto da modernidade e a escola como máquina de educar

José Luís Schifino Ferraro

Professor dos Programas de Pós-graduação em Educação e Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

O presente texto constitui-se como resenha do livro *La escuela como máquina de educar: tres escritos sobre un proyecto de la modernidad*, de Pablo Pineau, Inés Dussel e Marcelo Caruso, publicado pela editora Paidós. A presente obra nos convida a (re) pensar a estruturação da educação na modernidade para que possamos compreender aquilo que denominam como sendo o “projeto moderno”, relacionado às formas de racionalização dos processos de ensino e aprendizagem – institucionalizados a partir do surgimento das escolas – e do caráter de autoridade pedagógica que tais instituições passam a assumir. Assim, os autores propõem um olhar reflexivo para o passado, mais especificamente para os discursos sobre as formas de educar emergentes ao longo do século XIX, no intuito de compreender os modos de reconfiguração dos espaços escolares ainda refletidos na contemporaneidade.

Os três ensaios abordam questões relevantes vinculadas à educação moderna, desde como a própria educação se converte em questão social durante o século XIX, passando pela falta de correspondência entre os discursos pedagógicos deste período com teorias filosóficas, psicológicas, sociais – incluindo as educativas –, até a análise do movimento da Escola Nova como promotor de heterogeneização e suas diferentes tradições políticas e culturais. Nesse sentido da análise, o leitor é convidado a refletir sobre o que está sendo construído em termos de educação em um momento atual de incertezas em relação ao futuro. Para tanto, os autores apresentam uma necessária postura de desnaturalização, crítica e reflexiva, em relação à estrutura atual das instituições escolares que ainda se encontra fortemente impregnada pelo ideal moderno.

Ao longo da introdução intitulada *La escuela moderna como um modelo para armar*, os autores problematizam a naturalização em torno da necessidade da existência das escolas para cumprir o papel educativo, definindo a escola moderna como uma aposta política e cultural de um projeto educativo que, talvez, nunca tenha sido

evidente e, tampouco necessário. Apresentam o nascimento da escola moderna como máquina de educar a partir de tecnologias massivas, replicáveis, para aculturar a população: um artefato para intervenção humana que responde a uma metáfora industrial. Ainda, ressaltam a importância do olhar sociológico na reescrita de uma história da educação que também possa levar em conta novos/outros personagens não necessariamente agenciados em sua relação com instituições religiosas ou com a ideia de progresso como desdobramento do iluminismo e, portanto, evidenciado como propósito do educar na modernidade.

Assim, movimentos de docentes, agremiações estudantis, indústrias, sindicatos, partidos, igrejas, o discursivo e o não discursivo vinculado às relações pedagógicas, bem como a influência da imigração, a evolução do desenvolvimento de técnicas e tecnologias educativas e a análise de materiais como livros didáticos, foram incorporados como elementos essenciais para a realização de uma história da educação. Criaram-se, assim, outras possibilidades, novas interfaces relacionando o educativo com seu entorno social para a construção de uma espécie de *história social da educação*. História esta que não está enfatizada no livro, mas em certa medida é essencial para uma (re) construção arqueogenealógica da escola moderna.

No primeiro capítulo (*¿Por que triunfó la escuela?, o la modernidade dijo “Esto es educación”, y la escuela respondió: “Yo me ocupo”*), Pablo Pineau, discute como o projeto da modernidade definiu educação e como as instituições escolares incorporaram para si essa tarefa, convertendo-se em autoridades pedagógicas praticamente inquestionáveis. O autor evidencia as mudanças sociais e pedagógicas envolvendo a escola como conquista social – entre os séculos XIX e XX –, considerando sua importância para a formação cidadã, seja por meio de explicações sobre feitos históricos e acontecimentos sociais, seja como dispositivo para manutenção de classes (liberais vs. proletários), seja como aparelho ideológico estatal que exerce seu poder por meio de práticas de intervenção específicas.

Ainda, Pineau apresenta a escola moderna em sua resistência às mudanças contextuais sociais e elementos que nos levam a pensar a constituição de um campo pedagógico na modernidade a partir de acontecimentos como a institucionalização da alfabetização, da atenção à infância e do estabelecimento de saberes que considerou como sendo básicos. A *governamentalidade* moderna associada à educação fez com que houvesse uma racionalização não apenas dos modos, mas dos espaços e dos tempos para ensinar, destacando basicamente influências liberais e positivistas – cujos traços,

ainda, podem ser facilmente percebidos – na organização dos sistemas educativos contemporâneos.

No capítulo dois (*¿Existió una pedagogía positivista? La formación de discursos pedagógicos em la segunda mitad del siglo XIX*), Inés Dussel discute a ampla influência positivista no século XIX – em sua relação com os sistemas educativos modernos –, bem como suas reminiscências na organização da escola contemporânea. A autora aborda o Positivismo como movimento intelectual cuja proposta estava calcada na busca de bases científicas para uma pedagogia que conduzisse a uma reforma social global relacionada à ideia de progresso. Assim, conteúdos vinculados ao trabalho, pautados por suas competências técnicas/utilitarismo – e não à especulação – passam a ser privilegiados juntamente a uma organização dos mesmos a partir de um critério de complexidade (do menos para o mais complexo) para sua possível boa/desejável compreensão. Nesse sentido, a cientificidade que caracteriza os ideais positivistas toma as rédeas do currículo, incorporando-se à organização dos conteúdos, ao mesmo tempo em que a docilização da infância assume importante papel em um contexto educativo pautado, também, pelo disciplinamento de corpos e comportamentos (normatização para normalização, culpabilidade como forma de assujeitamento).

Como efeito do Positivismo, Dussel destaca algumas transformações operadas na escola moderna, como um currículo centrado no professor, detentor não apenas do conhecimento, mas de um poder específico que lhe confere certa autoridade – a de orientação do trabalho pedagógico – relacionada à condução dos processos de ensino e aprendizagem. Ainda, a autora evidencia a partir do projeto moderno uma perspectiva reducionista: da pedagogia à psicologia e desta à biologia. Este movimento de *psicologização* e posterior *biologização* das relações pedagógicas pode ser percebido, atualmente, por exemplo, pela abertura do campo das neurociências aplicadas aos processos educativos com o intuito explicar não apenas os mecanismos neuropsicológicos da aprendizagem, mas diagnosticar – também neste sentido – possíveis dificuldades para a mesma.

As denominadas *pedagogias triunfantes* também se constituíram em um tema a ser abordado por Inés Dussel, que pretendeu, de certa forma, recuperar o sentido crítico do Positivismo. Assim, as correntes educativas espiritualistas, racionalistas, positivistas e religiosas foram exploradas em sua articulação com discursos heterogêneos que se constroem em torno de pontos chave para a educação moderna como a própria ciência, a tecnologia, e as ideias de república e nação essenciais para uma formação

cívica da/na modernidade.

Por fim, no terceiro capítulo (*¿Una nave sin puerto definitivo? Antecedentes, tendencias e interpretaciones alrededor del movimiento de la Escuela Nueva*), Marcelo Caruso escreve sobre o renovador movimento da Escola Nova, surgido no final do século XIX, caracterizando-o como um conjunto de atitudes que fez emergir uma série de outros sujeitos no campo educativo – tomados também, agora, como protagonistas –, bem como uma série de outras formas possíveis de educar. Caruso apresenta e explora a perspectiva naturalista escolanovista como posição pedagógica da modernidade que possibilitou a emergência de enunciados que definem a complexidade das relações entre os saberes e sua aparição/inserção nos currículos escolares (escolha de conteúdos, desenho curricular e tomadas de decisões, sistematização dos conhecimentos).

Além disso, o autor, ainda, ressalta o fato de a escola moderna não ter sido pensada, inicialmente, numa perspectiva positivista, mas admite que o próprio Positivismo surge como possibilidade no interior de um movimento que incorporou elementos como a criatividade, as questões corporais e a democracia no interior de uma série de pedagogias possíveis. A Escola Nova, assim, passa a estar vinculada à ideia de “reforma” – termo comumente utilizado em educação, pois tudo o que parece ter caráter pedagógico está vinculado à ideia de mudança.

Ao utilizar-se da metáfora do barco, Caruso questiona se o barco da Escola Nova não teria sido uma ilusão de muitos pedagogos e, portanto, um barco fantasma, ou se esse discurso ainda produz certo sentido, o que nos remeteria à ideia de um outro barco, ainda à deriva, com possibilidades para (re)pensarmos sobre uma série de outras experiências, propostas e articulações em torno das tradições, das políticas e das culturas em educação que, todavia, ainda produzem sentido na escola da contemporaneidade.

Referência

PINEAU, Pablo; DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. *La escuela como máquina de educar: tres escritos sobre un proyecto de la modernidad*. Buenos Aires: Paidós, 2016.

Submetido em: 21-09-2017

Aceito em: 20-04-2018